

O ensino da Geografia em França nos meados do século XX.

Testemunho da Professora Suzanne Daveau

José Costa

Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Como citar este artigo:

Costa, J. (2017). O ensino da Geografia em França nos meados do século XX. Testemunho da Professora Suzanne Daveau. *Revista de Educação Geográfica | UP*, nº.1, p.105-112. Universidade do Porto

ISSN

2184-0091

DOI

<https://doi.org/10.21747/GeTup/1a8>

Secção: Perspetivar

Nota Bibliográfica:

Suzanne Daveau (1925-), *Docteur ès Lettres* pela Universidade de Paris-Sorbonne (1957), personalidade marcante da Geografia portuguesa, foi professora do ensino primário (Paris, 1945), secundário (Gap, 1949/50 e Lille, 1952/53) e superior, nas Universidades de Besançon (1950/52 e 1964/65), Dakar (1960/64), Reims (1967/68) e Lisboa (1970/93). Investigadora do *Centre National de la Recherche Scientifique* (1953/1966) e do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (1966/2012), onde coordenou dezenas de projetos de investigação científica e orientou numerosas dissertações de Doutoramento, foi co-fundadora de *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*. A sua bibliografia conta mais de 300 títulos repartidos por vários domínios da Geografia, particularmente, da Geomorfologia, Climatologia, Geografia regional, Geografia histórica, História da Geografia e da Cartografia, e Cartografia temática. É Doutora *Honoris Causa* pelas Universidades de Lisboa (1997), Coimbra (1998) e Porto (2001), e Chevalier de l'Ordre du Mérite Sénégalais (1964), Chevalier de l'Ordre National du Mérite (1981) e Grande Oficial da Ordem de Santiago da Espada (2002).

Nota Introdutória

Este texto é parte de uma entrevista mais extensa, realizada e transcrita a partir de gravação digital, no âmbito de uma dissertação de Doutoramento em curso, em História e Filosofia das Ciências, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Nela, a Prof.^a Suzanne Daveau testemunha a sua experiência como aluna de Geografia em França, nos vários níveis de ensino, básico, secundário e superior, contextualizando esse ensino, quer na História política francesa, quer na evolução do pensamento geográfico, da primeira metade do século XX.

O texto foi revisto pela entrevistada em Agosto de 2014 e Março de 2017.

Agradecemos à Prof.^a Doutora Cláudia Castelo, do Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia, da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, a leitura do texto e todos os conselhos teóricos e metodológicos para a reorganização da versão inicial. O Prof. Doutor João Carlos Garcia, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, também colaborou na reorganização da versão inicial, pelo que lhe estamos gratos.

Testemunho da Professora Suzanne Daveau

- Nos seus primeiros anos de escolaridade que Geografia se estudava em França, na década de 1930? Como era ensinada? Existiam atividades específicas da disciplina? Em que circunstâncias frequentou o ensino secundário?

- Na escola primária ensinava-se uma Geografia que já não era a que os meus pais tinham aprendido no começo do século. No tempo deles era apenas uma questão de memorização como aliás penso que era aqui em Portugal. As pessoas aprendiam a lista dos distritos, em França dos *départements*, tinham de saber o nome da cidade mais importante e desbobinar isso. Era uma Ciência muito de memória, o que tinha desaparecido na minha infância. Já era mais descrever paisagens, ver mapas, desenhos ou fotografias, para dar uma ideia da diversidade da França e do Mundo. Na escola primária, tudo isso era muito elementar. (...)

Depois, não fui para o Liceu, porque na altura, em França, existia um sistema com dois cursos

paralelos. O Liceu era destinado a pessoas de um certo nível social, porque não preparava para profissões mas dava uma cultura geral. Eu era filha de um droguista de um bairro pobre de Paris. Como gostava de estudar, a minha ideia era preparar-me para ser professora do ensino primário; não imaginava outra coisa. Por isso segui um ensino paralelo ao Liceu, que se chamava o Ensino Primário Superior, sem Latim. Chegando aos quinze ou dezasseis anos tinha, para me tornar professora primária, de ser admitida na Escola Normal de *Institutrices* [Professoras Primárias]. Porque, na altura, o ensino em França, primário e secundário, separava ainda, as meninas, de um lado, os meninos, do outro. De maneira que concorri para entrar nessa Escola. Tudo teria corrido sem problemas se não tivesse começado a Segunda Guerra Mundial, em Setembro de 1939. Os nossos pais mandaram-nos ficar no campo, pensando que Paris ia ser bombardeada, mas não foi... Este período chamou-se a «*drôle de Guerre*». De repente, em maio de 1940, os alemães atacaram, provocando o «êxodo», em que toda a gente fugiu à frente deles, e nós também. A França foi ocupada durante 4 anos pela Alemanha. Quase toda a minha escolaridade de nível secundário ocorreu neste período, muito complicado e angustiante.

-O que a levou a frequentar a Universidade?

- A Geografia era uma das matérias ensinadas [no Liceu]. Eu não estava particularmente atraída por ela, tudo me interessava. O que teve influência na minha decisão de abandonar a ideia de me tornar professora primária e de tentar continuar estudos na Universidade, foi a política do governo francês da altura, chamado Governo de Vichy¹. Ele colaborava com os Alemães e era anticomunista. Os professores do Ensino Primário (*les instituteurs et institutrices*) eram em geral “de esquerda” e o Governo de Vichy considerou que isto resultava do ensino recebido nas Escolas Normais que os formavam, por isso, foram abolidas.

Ora, neste primeiro ano da “Ocupação”, tinha concorrido e conseguido entrar nesta Escola, na altura em que foi suprimida e fomos mandadas

¹ «Governo de Vichy» é o nome vulgarmente dado ao Governo francês colaboracionista, sediado na cidade deste nome, durante a Segunda Guerra Mundial, de 1940 a 1944.

acabar o nosso curso secundário num Liceu. Saí portanto do tradicional caminho de ensino popular para entrar no Liceu. Em certa medida, isso foi benéfico, porque o nosso grupo de alunas, que tinham sido selecionadas por concurso para se tornarem professoras primárias, eram meninas vindas de níveis sociais humildes. Com efeito as pessoas de nível socialmente elevado não queriam tornar-se professoras do Ensino Primário. Éramos boas alunas que acabavam de passar um concurso difícil, com seleção forte. Resultado: constituíamos um grupo de alunas de bom nível, e muito interessadas, desejosas de saber: um sonho para os professores. As professoras do Liceu, vendo chegar estes grupos de meninas (ou de rapazes, porque deve ter sido o mesmo para eles), que lhes «caíam do céu», adoraram estas turmas de boas alunas, interessadas, disciplinadas... E nós tivemos, portanto, excelentes professores.

Isso fez com que uma grande parte de nós começasse a pensar: «Mas, afinal, porque é que estudamos apenas para o nível de professora do Ensino Primário? porque é que não tentamos continuar e entrar na Universidade?» E foi o que tive vontade de fazer. Nesta altura já tinha uma ideia um pouco mais concreta dos vários ramos possíveis de ensino. Dois ramos me interessavam; um era a Geografia, o outro as Ciências Naturais, temas afinal próximos e com o mesmo gosto de trabalhar no campo. (...)

- Considera que algum professor, pelo seu ensino, pelo seu exemplo, a tenha marcado?

- No Liceu, a melhor professora que tive foi uma professora de Francês, que nos ensinou a escrever claramente, nos fez conhecer a literatura não apenas clássica mas também contemporânea e que assim nos deu o gosto da cultura... Na altura, a Geografia ensinava-se conjuntamente com a História. O mesmo Professor ensinava as duas matérias. Ora eu sentia-me atraída pela Geografia, por ser a maneira de conhecer o Mundo, de sair, de viajar... A História não me atraía nada na altura. Porquê? Porque durante a Guerra, estivemos submetidos a propagandas contrárias... Havia a propaganda alemã, martelada todos os dias, que nos repugnava profundamente. Para uma adolescente, o descalabro do ano de 1940 foi uma coisa terrível. Tínhamos recebido uma educação de jovens franceses convencidos que a França era o

país mais civilizado do mundo e, de repente, foi um descalabro total, com os Nazis a martelarem-nos o espírito com a sua propaganda... Em compensação, com muita dificuldade, conseguia-se ouvir a rádio inglesa, a BBC, única maneira de ter acesso a um ponto de vista diferente. Era difícil de ouvir porque os alemães perturbavam a emissão para dificultar a audição mas, a certas horas da noite, conseguia-se. Para uma rapariga da minha idade, era evidente que eles também faziam propaganda. Durante toda a Guerra estivemos submetidos a esta dupla propaganda. Eu pensava: «a História é mentira, cada um fabricava a História à sua maneira para defender o seu ponto de vista». Por isso mesmo não tinha vontade de a estudar. Portanto hesitava entre Ciências Naturais e Geografia.



Figura 1. Suzanne Daveau a estudar. Belleville, 1945

- E a Geografia era então uma disciplina auxiliar da História, ou existia um equilíbrio?

- Estávamos numa fase de transição. Até lá, como em Portugal e em toda a parte, a Geografia tinha sido subalterna à História, uma ciência auxiliar da História. Mas os geógrafos, especialmente

Emmanuel de Martonne², que dirigia o Instituto de Geografia de Paris, conseguiram do Governo de Vichy que se criasse um ensino de Geografia, não separado da História, mas que existissem duas vias paralelas, uma onde a História dominava, outra onde era a Geografia — tendo ainda muitas cadeiras em conjunto. Isso foi uma das razões que, na altura em que comecei a pensar preparar uma licenciatura, me fez optar pela Geografia. A outra foi serem as aulas principais lecionadas à quinta-feira. Porque desde o fim do século XIX, quando se criou a Escola Primária francesa *laïque et obligatoire*, não se davam aulas à quinta-feira no Ensino Primário, para que os pais que queriam dar um ensino religioso aos seus filhos o fizessem neste dia. Para os meninos que não recebiam um ensino religioso, a quinta-feira tornou-se assim um dia de liberdade. E, por isso, quando se criou este ensino da Geografia separado da História, na Universidade, houve a boa ideia de colocar as aulas principais na quinta-feira, porque a Geografia era a única matéria da Faculdade de Letras que se podia estudar sem saber Latim, quer dizer sem ter passado pelo Liceu. Quem tinha uma formação como a minha, e em geral os professores do ensino primário que queriam retomar os estudos, escolhiam portanto a Geografia. As aulas principais eram no dia em que não tinham de ensinar e podiam, portanto, continuar a ensinar ao mesmo tempo que se preparavam para se tornar professores do ensino secundário.

São as pequenas razões que me fizeram escolher a Geografia. E foi apenas quando cheguei à Universidade que descobri que a Geografia era uma matéria extremamente interessante, por ligar os aspetos naturais, científicos, aos aspetos literários ou históricos. Isso explica porque tive, desde o princípio, uma visão integradora da Geografia. Eu passei sempre, com muito gosto, da Geomorfologia e da Climatologia ao estudo de uma fronteira, como é o caso na minha tese. Para mim, a Geografia é a ligação entre a superfície do Globo, em toda a sua variedade física, e a ação do Homem

sobre ela. Sempre tive uma visão integradora da Geografia, praticando tanto um ramo, tanto outro, com o mesmo gosto.

Nesta altura, os geógrafos de nível universitário tinham todos recebido uma larga formação, desde a Geomorfologia até à História, eventualmente, um pouco de Etnologia, ciência que, na altura, estava apenas a desabrochar. Mas já era muito claro, em Paris, que a Geografia física começava a separar-se da Geografia humana de modo ainda pouco perceptível quando De Martonne e Demangeon³ repartiram entre si o ensino da Geografia em Paris. Já até se notava nas canções dos estudantes nas excursões:

Pratiquez la Géographie humaine

[«Praticai a Geografia humana

Et moquez-vous des cycles d'érosion

E

zombai dos ciclos de erosão

Car il n'y a qu'une chose magnifique

Pois

só existe uma coisa magnífica

La maison, la maison, la maison.»

Habitação, habitação, habitação.»

[À qual se contrapunha:]

«*Pratiquez la Géographie physique*

«Praticai a Geografia física

Et moquez-vous des types d'habitation

E zombai dos tipos de habitação

Car il n'y a qu'une chose magnifique

Pois

só existe uma coisa magnífica

L'érosion, l'érosion, l'érosion.»

Erosão, erosão, erosão.»]

- Mas voltando à Universidade e ao ensino da Geografia. Que disciplinas frequentou? Quais eram os métodos no seu ensino? Eram organizadas saídas de campo?

² Emmanuel de Martonne (1873-1955) foi um geógrafo francês, aluno de Paul Vidal de La Blache na École Normale Supérieure. Defendeu duas teses de doutoramento sobre a Valáquia e a Transilvânia em Ciências e em Letras, tendo sido professor nas Universidades de Rennes, Lyon e Paris (Sorbonne). Foi presidente da União Geográfica Internacional entre 1938 e 1949. Foi autor do *Traité de Géographie Physique*, um livro que conheceu muitas edições de 1909 a 1958, sendo traduzido para inglês, polaco e castelhano.

³ Albert Demangeon (1872-1940) foi um geógrafo francês, aluno de Paul Vidal de La Blache, na École Normale Supérieure. Defendeu uma tese sobre a região francesa da Picardie e foi professor nas Universidades de Lille e Paris (Sorbonne). A sua tese *La Plaine Picarde*, também conhecida como *La Picardie* (1905) foi utilizada como modelo para vários estudos posteriores de Geografia regional.

- A licenciatura de Geografia preparava-se em dois anos. Depois, noutro ano, preparava-se o *Diplôme d'Études Supérieures*, equivalente a um Mestrado. Com isso, ficava-se com a Licenciatura. Mas como ganhar a vida com o curso de Geografia? Fundamentalmente, ensinando no Ensino Secundário. Podia-se ensinar apenas com a licenciatura, mas sem ter um lugar estável. Para ser nomeado, para ter um lugar seguro, era preciso passar um concurso, segundo o sistema muito francês dos dois caminhos, como no Ensino Secundário. Podia passar-se um concurso mais simples ou tentar a *Agrégation*⁴. Eu escolhi este caminho, porque o Professor Chabot⁵, que será meu diretor de tese, quando viu que eu tinha conseguido muito rapidamente e em boas condições a licenciatura, e que me conhecia da excursão no Jura que tinha feito com ele, me aconselhou a *Agrégation*. Como tinha pouca vontade de continuar no ensino, que já tinha experimentado em 1945, e como sentia mais vocação de investigadora que de professora, pensei «vou tentar a *Agrégation*». E tive a sorte de “passar” no primeiro ano, neste concurso muito difícil.

Voltando à Geografia acabada de se libertar da História: De Martonne tinha conseguido que, em vez da *Agrégation* de História e Geografia se criasse uma *Agrégation* de História e uma *Agrégation* de Geografia. A partir dali, já se formaram realmente “geógrafos”, mas apenas para os rapazes e não para as raparigas. Estas continuavam a ter uma *Agrégation* de História e Geografia. Um mistério... resultante talvez da ideia que as mulheres são menos “especializadas” que os homens? No entanto, De Martonne queria também atrair raparigas para a Geografia, e conseguiu que, se duas delas obtivessem notas acima das do último rapaz admitido, seriam admitidas. E foi nestas

condições que eu me abalancei, com a loucura dos jovens, a preparar a *Agrégation*. As provas eram muito difíceis. De uma centena de concorrentes, uma dezena era aprovada. Fomos três raparigas a ter notas superiores às do último rapaz admitido, mas como as duas outras eram alunas da Escola Normal Superior de Fontenay, conseguiram três lugares para nós. A minha sorte foi ter tido notas superiores às das colegas. Sempre pensei que se tivesse sido a terceira, talvez não se tivessem preocupado muito comigo⁶.

Voltando aos professores: como já disse, os geógrafos Demangeon e De Martonne que foram professores de Orlando Ribeiro⁷, ou já tinham morrido ou estavam aposentados.

Quem dirigia o *Institut de Géographie* era então André Cholley⁸, mais virado para a Geografia física. Como era organizado o ensino? Havia quatro certificados (disciplinas): Geografia Geral, Geografia Regional, Cartografia, que era um ensino novo, e História Moderna. No primeiro ano, preparei as duas cadeiras fundamentais, Geografia Regional e Geografia Geral. Esta era ensinada por vários professores, uns ensinando Geografia física, outros Geografia humana (havia já uma certa separação). Cholley ensinava Geografia física.

Neste primeiro ano do pós- Guerra as condições de ensino eram ainda muito difíceis. (...) Éramos muitos, não cabíamos nas salas. Além disso havia muito poucos livros. O famoso *Traité de Géographie Physique* de De Martonne, base do

⁴ A *Agrégation* é um concurso de recrutamento de professores existente em França desde o século XVIII. É muito seletivo, sendo composto por provas orais e escritas. Os candidatos aprovados são conhecidos como *professeurs agrégés*. Até 1940 existia apenas uma *Agrégation* de História e Geografia, podendo ser autorizada uma prova «fora de programa» de Geografia. Em 1943 surge a *Agrégation* em Geografia. A sua existência foi contestada mesmo entre os geógrafos, tendo o primeiro concurso ocorrido em 1944.

⁵ Georges Chabot (1890-1975) foi um geógrafo francês. Formou-se em Filosofia na Universidade de Lyon e depois em Geografia. Foi professor de Liceu e defendeu uma tese de doutoramento sobre a cadeia montanhosa do Jura. Será professor das universidades de Dijon e Paris (Sorbonne).

⁶ Nesse ano excepcional, o júri disponibilizou 3 lugares «para candidatas particularmente brilhantes» (Georges Chabot). Com o aumento do número de candidatas, dos seus bons desempenhos e dos pedidos por parte do júri (que em 1959 reservava já 5 lugares para raparigas), das Associações de Professores e dos Congressos de Geografia, surgiu uma *Agrégation* feminina de Geografia, em 1970.

⁷ Orlando Ribeiro (1911-1997) foi um geógrafo português. Formou-se em Ciências Histórico-Geográficas em 1932, na Universidade de Lisboa, tendo apresentado o doutoramento sobre *A Arrábida*, em 1935. Estudou em França com os mais reputados geógrafos da época, entre 1937 e 1940, ano em que foi nomeado Professor da Universidade de Coimbra. Em 1943 passou a integrar o corpo docente da Universidade de Lisboa, fundando o Centro de Estudos Geográficos (1943) e a revista *Finisterra* (1966). Autor de mais de 400 trabalhos científicos. Foi casado com Suzanne Daveau.

⁸ André Cholley (1886-1968) foi um geógrafo francês. Apresentou uma tese sobre *Les Préalpes de Savoie*, ensinando nas Universidades de Lyon e da Sorbonne, onde se tornou diretor do Instituto de Geografia (1944). Será *Doyen* [Reitor] da Sorbonne, entre 1945 e 1956.

ensino, era inacessível. Havia apenas um ou dois exemplares na biblioteca, quando éramos cento e tal alunos. Eram condições de trabalho francamente muito difíceis. A base da Geomorfologia era dada por Cholley, em aulas brilhantes. Os trabalhos práticos eram a leitura de mapas, topográficos e geológicos. Tínhamos de aprender a interpretar o mapa geológico na escala 1:50 000 que, na altura, cobria já toda a França, mas a representação topográfica utilizava ainda o sistema de *hachures*, o que dá a sensação do relevo, mas de modo menos exato do que as curvas de nível.



Figura 2 – Alsácia, 1946

Esta leitura de mapas era uma coisa completamente nova para nós, mas indispensável para passar nos exames. Quem a ensinava era Jean Tricart⁹, um jovem assistente na altura. Tinha cerca de cento e cinquenta alunos, que dividiu em turmas de cinquenta. Era extremamente difícil ensinar a interpretar mapas nestas condições... Reconheço que o professor tinha condições de trabalho terríveis, mas aterrorizava-nos: estávamos num anfiteatro (não cabíamos em salas pequenas) e as aulas consistiam em chamar um aluno ao quadro para responder sobre um dos pontos que tinham sido propostos no exercício. E muitos tinham tanto medo que não respondiam, e o Professor dizia: “Zero”! O ambiente era assustador. Quando Tricart chamou “Suzanne Daveau”, fui mais corajosa e respondi. Fui ao quadro e tive catorze em vinte... Assim, estabeleci um primeiro contacto com Tricart.

⁹ Jean Tricart (1920-2003) foi um geógrafo francês. Doutorou em 1947 com uma tese sobre *La Partie Orientale du Bassin de Paris*, ensinou na Sorbonne e na Universidade de Estrasburgo, onde fundou o *Centre de Géographie Appliquée*. Foi autor de mais de 600 títulos, especialmente de Geografia física.

Outros professores ensinavam a Geografia humana. Havia dois na altura. Um era Max Sorre¹⁰, um homem de pequena estatura, que dava Geografia humana e económica. Quando tinha preparado a sua lição, ela saía chata como tudo. De vez em quando, esquecia-se das notas em casa e então era extremamente brilhante; a improvisar, era muito mais interessante. Mas enfim, não me entusiasmei especialmente por ele. Outro professor, excelente, era Roger Dion¹¹, especialista de História da Geografia. As suas aulas de Geografia humana, de grande qualidade, não eram acompanhadas de aulas práticas.

Outra cadeira era a de Geografia regional, dada principalmente por Georges Chabot, que se tornará meu diretor de tese, um homem tímido, um pouco apagado, mas extremamente sério. Eu gostava das aulas dele, que achava interessantes. Além disso, era um homem simples, não era o “grande professor” querendo impressionar os alunos. Era um homem discreto, simpático. Dava-nos aulas práticas que consistiam em fazer Cartografia temática. Dava-nos um tema, supúnhamos a criação de gado nos Alpes, e tínhamos de conceber uma representação cartográfica do tema e apresentá-la com um texto explicativo. Este tipo de exercício foi extremamente formativo porque obrigava a estudar um assunto, a reduzi-lo aos elementos essenciais e a encontrar uma maneira de traduzi-los graficamente. Gostei muito de praticar este tipo de exercício que, depois, ensinei muito, ao introduzir em Lisboa o ensino da Cartografia temática que não existia ainda em Portugal.

Tudo isso, devo ao ensino de Chabot. O seu sistema era dar um exercício cada quinze dias sobre um tema, e quem queria fazia o exercício. Não era obrigatório fazer todos os exercícios.

¹⁰ Maximilien Sorre (1880-1962) foi um geógrafo francês. Licenciado em 1911, defendeu o seu Doutoramento sobre *Les Pyrénées Méditerranéennes*, em 1913. Ensinou em várias Escolas Normais e Universidades, com destaque para a de Lille (1922-1931) na qual dirigiu o Instituto de Geografia. Conclui a sua carreira de professor universitário na Sorbonne (1940-1948), sendo ainda vice presidente da União Geográfica Internacional (1952-1960).

¹¹ Roger Dion (1896-1981) foi um geógrafo e historiador francês. Aluno da École Normale Supérieure, obteve a *Agrégation* em 1921. Defendeu uma tese sobre *Le Val de la Loire* que o levou a ensinar nas Universidades de Lille e Sorbonne. A partir de 1948 foi professor de Geografia histórica no Collège de France.

Evidentemente quanto mais exercícios fazia, melhor o aluno se preparava, mas muitos eram trabalhadores-estudantes e não tinham tempo. Resultado, na altura da Páscoa, Chabot chamou um certo número de alunos e disse-nos: «Vocês foram os que fizeram mais exercícios ao longo do ano, tenho dinheiro para organizarmos uma excursão ao Jura, quem quiser está convidado, por serem os alunos que mais trabalharam». Fomos de comboio, e andamos depois a pé através do Jura, onde ele tinha feito a sua tese. E assim conheci melhor o professor.

Eu era extremamente tímida na altura e tinha também de ganhar a vida. Tinha abandonado o meu emprego de professora do Ensino Primário. Tendo sido aluna da *École Normale d'Institutrices*, tinha em princípio um lugar assegurado até à aposentação, mas como quis estudar, pedi *un congé pour convenance personnelle* [licença por razões pessoais], que me foi recusado: disseram-me que tinha de ensinar um ano completo antes de poder pedir uma licença. Na altura, com vinte anos, não tinha paciência para esperar um ano. Corri então um grande risco. Disse «está bem, eu renuncio a ser professora do ensino primário». Ora, depois do primeiro ano, em que tinha conseguido as cadeiras mais importantes do curso, tinha de ganhar a vida. Mas, logo depois da Guerra, obter um emprego era pelo menos tão difícil para os jovens como o é agora. O único que podia alcançar era um lugar de *surveillante*, que não existe em Portugal. Nos Liceus de província, onde havia muitos alunos internos, contratavam-se jovens estudantes, que estavam lá como uma espécie de ajudantes dos professores, alojados no Liceu e a tentar continuar a estudar. Com as duas disciplinas aprovadas que já tinha, a única coisa que podia esperar era um lugar desses, mas numa cidade afastada de Paris. (...)

Depois dessas duas disciplinas, tinha de preparar no ano seguinte uma cadeira de História e uma de Cartografia. Sabia que a de Cartografia era fácil, de tipo técnico, bastava fazer os exercícios. Quanto à História, eu tinha-lhe ganho horror durante a Guerra, e pensei: «Vou passar um ano inteiro a estudar História quando quero fazer Geografia!», portanto «vou tentar obter a cadeira de História já em novembro, basta aprender de cor as lições». Foi o que fiz... e obtive a *mention très bien*. Fiquei assim com um desprezo à História ainda maior. Pensei: «Esta ciência não é nenhuma ciência.

Bastou decorar resumos sobre os temas do programa para ter a menção mais elevada que se podia ter.» (...) Já tinha começado um trabalho pessoal numa região onde velhos tios avós me podiam receber. Estudei o rebordo do *Pays d'Othe*, a terra de origem do meu avô materno. O meu trabalho foi bem recebido e nessa altura decidi preparar no ano seguinte a *Agrégation*.

(...) Mas, na altura, a *Agrégation* já se tinha tornado, na prática, uma forma de recrutamento dos futuros assistentes da Universidade. Não era oficial. Oficialmente, a *Agrégation* continuava a ser um concurso de recrutamento de professores do Ensino Secundário, mas como os lugares de professor ou assistente nas Universidades começavam então a multiplicar-se, os assistentes, na realidade, eram escolhidos entre os *Agrégés*. Era o melhor caminho para se tornar assistente. Nesta altura, não pensava ainda nisso, mas apenas em arranjar um trabalho seguro e, como consegui a *Agrégation* neste primeiro ano, fui nomeada professora no Liceu de Gap, uma pequena cidade no sul dos Alpes. (...)

No fim do concurso, os professores perguntavam-nos a região em que desejávamos ser colocados. Havia uma espécie de conselho de professores que decidiam para onde íamos ser nomeados. Como gostava muito das férias que tinha passado nos Alpes com os meus pais, disse que gostaria de um lugar nos Alpes. E responderam-me: «Há dois lugares, um em Grenoble» - a grande cidade dos Alpes - «e o outro em Gap». É evidente que só obtive Gap, uma cidadezinha onde estive um ano, como professora do Liceu. Pareceu-me bastante morta, depois dos meus anos de vida muito intensa em Paris, depois da Guerra, quando os jovens sonhavam construir um Mundo novo. Encontrei-me em Gap, onde grande parte dos colegas do Liceu eram pessoas que tinham estado doentes, com tuberculose ou outra doença, por ser um lugar de montanha com bons ares, para onde se mandava quem tinha problemas de saúde.

Depois de uns meses pensei: «tenho de sair de Gap», e «a melhor maneira de obter outro posto é começar a preparar uma tese». E como tinha, na minha infância, passado férias no Jura - parte da família era de lá - pensei em estudar o papel da fronteira que corta ao meio a montanha - de um lado a França, do outro a Suíça. Podia ser um tema interessante que propus a Chabot que o aceitou.

Apareceu um lugar no Liceu de Lons le Saunier, uma cidadezinha do Jura, concorri e obtive o lugar com toda a facilidade. Havia uma Universidade em Besançon, a cidade mais importante da região, na qual se tinha criado recentemente um ensino de Geografia, coordenado por Lucien Gachon, um antigo professor de Ensino Primário¹². Não tinha interesse especial no Jura, a região dele era o Maciço Central, perto de Clermont Ferrand. Vinha só dar as aulas. Quando lhe criaram um lugar de assistente, perguntou aos colegas se conheciam jovens interessados e Chabot disse-lhe que Suzanne Daveau queria fazer uma tese sobre o Jura.

- Foi então que a Professora Suzanne Daveau iniciou o seu magistério universitário. Que apreciação faz da licenciatura em Geografia, nessa época?

-Acho que não era má. Em muito pouco tempo e nas condições que já contei, bastante difíceis, sem dinheiro, sem papel, sem livros, com um número de alunos enorme juntando pessoas que tinham histórias completamente diferentes (uns eram jovens que saíam do Liceu, outros tinham passado a Guerra em campos de prisioneiros na Alemanha, etc.). Afinal, em dois anos, conseguiam dar-nos uma base sólida que me permitiu continuar. Não perdíamos tempo. Não digo que toda a gente aproveitava, mas o ensino não era mau. Quando cheguei a Portugal [1965], encontrei um ensino que se arrastava por cinco anos para obter a licenciatura (...). Coisas repetitivas, enquanto não se aprendiam as noções básicas.

É difícil comparar com o que se fez mais tarde. Só posso comparar com o que eu própria fiz, mas como eu ensinei sobretudo na África, encontrei um caso completamente diferente. Tratava-se de *criar* uma Universidade [em Dakar] e tentámos criar uma Universidade adaptada aos problemas de África, o que não era fácil, porque as diretivas vindas de França eram para criarmos uma Universidade francesa, tradicional. Tivemos de nos bater um pouco, não foi aliás muito difícil porque, no fundo, tínhamos uma grande liberdade. Organizámos excursões com os alunos para descobrir os países da África Ocidental. Como

¹² Lucien Gachon (1894-1984) foi um geógrafo francês. Professor primário de formação, defendeu uma tese de doutoramento com o título *Les Limagnes du Sud et leurs bordures montagneuses*, publicada em 1939. Foi autor de vários romances que retratam o universo rural francês.

documentação, não havia quase nada...Não havia livros, nem manuais, nem teses...Foi uma verdadeira exploração de países desconhecidos.



Figura 3 – Provença, 1952

- Na Universidade que frequentou eram comuns as excursões?

- Em França, havia algumas excursões. Já lhe falei da excursão que fiz com Chabot no Jura. Entre os seus inúmeros alunos, selecionava uma dezena dos que tinham trabalhado com maior regularidade e ia fazer uma semana de trabalho de campo com estes. Cholley teve outra opção: fazia excursões perto de Paris, onde todos os que quisessem podiam participar. Eram assim excursões de menor interesse porque, evidentemente, a quantidade de participantes impedia os contactos humanos. Ele mostrava o que era uma camada geológica, as formas de terreno, as rochas. Eram excursões elementares. Fiz também excursões com Tricart mas a título pessoal, não faziam parte do ensino normal.

Havia muito tempo, em França, que cada ano, as várias universidades, cerca de uma dezena, reuniam-se para estudar uma região. Cada uma organizava, por seu turno, o que se chamava *Excursion interuniversitaire*. Convidavam-se os colegas e alguns alunos adiantados das outras universidades e durante uma semana mostravam-se os temas que se encontravam em estudo. Isso fazia-se todos os anos e percorria-se assim toda a França. Eu tive a sorte de fazer três destas excursões: a primeira na Bretanha (em 1948) e duas quando era assistente [nos Pirenéus em 1951 e no Maciço Central em 1955] (...) Ocorria uma circulação de informação sobre o que se fazia nas diversas Universidades, os temas estudados, discutia-se, era extremamente interessante. (...)

